

Credores acham que anistia vai elevar o déficit

02 JUL 1988

REGIS NESTROFSKI
Correspondente

NOVA YORK — Passados dez dias de acertado um acordo para a dívida externa, fontes dos bancos credores já estão começando a ver problemas para a conclusão satisfatória do pacote de US\$ 5,2 bilhões da dívida que serão capitalizados, além da rolagem do principal durante 20 anos. A última reação negativa dos banqueiros foi em vista da votação, esta semana, da anistia às microempresas no Brasil. Os banqueiros acreditam que isso tornará impossível ao Brasil manter o déficit público em 4%, nível que já era considerado alto para um acordo com o FMI. E sem acordo com o Fundo, ninguém acredita que Brasil e bancos levarão adiante um acordo plurianual.

— Acredito que há dois fatores importantes que podem impedir o acordo — disse ao GLOBO um banqueiro. — O primeiro são as medidas que estão sendo adotadas no Brasil, que vão aumentar o déficit público e torná-lo incontrolável. Não basta um Ministro da Fazenda bem-intencionado como Mailson, se o Congresso toma decisões com fundo eleitoral. No plano externo, há muita dificuldade para se obter a adesão dos bancos canadenses e espanhóis. Do lado positivo, existe a disposição dos grandes bancos credores e uma atitude também muito positiva por par-

te do Japão. Se o acordo for fechado, será por isso, e não por um programa brasileiro de controle do déficit público.

Houve também uma grande confusão quanto ao pagamento, há dois dias, de US\$ 1 bilhão por parte do Brasil. Os banqueiros dizem que só têm que pagar quando o acordo estiver fechado, isto é: quando da assinatura, em outubro, eles desembolsarão os US\$ 4 bilhões relativos a 1987 e parte de 1988. Os banqueiros reclamaram do teor do último comunicado, já que ele não deixou claro quando o Brasil pagará os juros de junho. Outro fator que pode adicionar confusão à questão da dívida externa é o início, na próxima semana, das negociações da dívida externa da Argentina, que já ameaçou não pagar os juros este ano. Há dez dias, o Wells Fargo Bank, décimo maior credor brasileiro, declarou a Argentina inadimplente e não vai contar com pagamentos de juros da dívida argentina para este ano fiscal.

No entanto, as linhas comerciais brasileiras estão crescendo nas agências dos bancos brasileiros em Nova York. Não há números precisos, mas a estimativa é de que, desde o fechamento do acordo, cerca de US\$ 100 milhões já voltaram nas linhas, que totalizam cerca de US\$ 14,2 bilhões, em comparação com os US\$ 15 bilhões de antes da moratória.